

# Como evitar o fogo

ANA CRISTINA BARROS\*

Enquanto é só o Estado de Roraima que queima, o governo tem a chance de se preparar para problemas ainda maiores na Amazônia. Nos últimos três meses, a tentativa de descobrir quem era o vilão do desmatamento tomou o lugar do problema das queimadas na região. Com a ajuda de Roraima, esse debate voltou à cena com a atenção devida. Identificar os vilões do desmatamento não era mesmo uma saída muito produtiva para a Amazônia. Primeiro, porque a análise de desmatamento do Inpe – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – não considera tamanho das propriedades, e as pequenas propriedades têm aberturas tão pequenas que o satélite não vê.

Em tese, porém, o somatório das várias áreas pequenas consolida a participação dos agricultores na conversão florestal, mas sem a fama de vilão. Em termos de área, os grandes pecuaristas estão na linha de frente. No processo de desmatamento, os madeireiros geralmente são os que dão o primeiro passo. Portanto, todos desmatam. A questão é que o jogo de empurra quase escondeu o fato de que a degradação da floresta amazônica pode ser duas vezes maior do que a área de desmatamento apontada pelo Inpe. Os números do Inpe, baseados em imagens de satélite, estão corretos, mas não consideram os desmatamentos bem pequenos, as áreas de floresta exploradas pelos madeireiros e as áreas onde só queima o chão da floresta, enganando o satélite.

Na verdade, os supostos vilões são também vítimas, pois trabalham com baixa produtividade e sem técnicas adequadas. O agricultor produz pouco e logo precisa mudar de área, porque o solo fica exaurido. O pecuarista tem sua pastagem invadida por pragas e faz novas aberturas também. Finalmente, o madeireiro típico não consegue planejar sua exploração, faz um estrago da floresta e esquece na mata árvores de valor já derrubadas. Assim, ele desvaloriza a área preparando-a para desmatamento intencional e deixando-a suscetível ao fogo.

Para piorar a situação, todos sofrem com o fogo. O uso do fogo é comum na Amazônia, pois não existe método melhor disponível para limpar um terreno antes de cultivá-lo. O problema se dá quando esse fogo foge ao controle. O trabalho do Ipam ao longo do arco de desmatamento da Amazônia (Rondônia, sul do Amazonas e sul do Pará/norte do Mato Grosso) mostrou que 50% da área queimada são incêndios acidentais. Assim como em Roraima, o fogo começa na terra de alguém que estava preparando um roçado ou um pasto e escapa para os vizinhos.

Dentro das propriedades em produção, o prejuízo é fácil de entender. Na floresta, o fogo corre pelo chão, mata as árvores mais jovens e deixa a mata mais propensa a novos incêndios. Além disso, quanto mais vezes queimar, mais difícil fica para a vegetação se restabelecer numa determinada área.

O problema é grave pois, no verão amazôni-

co, quando chove menos, quase metade da floresta amazônica pode ficar tão seca a ponto de queimar. O incêndio em Roraima mostra que o Brasil não tem tradição de bombeiro florestal e nem estratégias adequadas de prevenção de incêndios, sobretudo na Amazônia.

Muito do que queimou desta vez é resultado do El Niño, que, segundo o Inpe, será ainda pior em 98. El Niño pode trazer para a Amazônia a pior seca do século. Seca na Amazônia quer dizer fogo e fogo quer dizer prejuízo para todos. A estação tradicional de queimadas na Amazônia vai de julho e novembro e isso nos dá três meses de preparação e ação.

A triste lição da história é que uma grande tragédia traz sempre benefícios. O incêndio em Roraima trouxe à tona um problema revelado meses antes: quase metade da Amazônia é vulnerável ao fogo e, de fato, tem muita área agrícola e de floresta queimando acidentalmente. Só com tanta repercussão na mídia, a gerência da Amazônia pode considerar esse dado e dar um salto qualitativo.

Lamentamos muito por Roraima, mas se formos capazes de criar mecanismos de prevenção e controle de fogo sistemáticos, e não apenas de emergência, o papel da perda daquela floresta e do meio de vida daquelas pessoas pode ter servido para evitar uma catástrofe de maiores proporções.

\*Coordenadora do Ipam – Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia

10/4/98  
TB  
9